

O fantástico caso da médium Anna Prado nas páginas dos jornais paraenses no alvorecer do século XX¹

Ana Leticia Lopes TOSTES²

Mestranda

Luiz LZ Cezar Silva dos SANTOS³

Doutor

Universidade Federal do Pará

Resumo

Serão exploradas as narrativas dos jornais *Folha do Norte*, *A Província do Pará*, e *O Estado do Pará* que tinham como personagem principal uma médium chamada Anna Prado. Notícias que foram motivo de assombro para os leitores e incômodo para a igreja católica em virtude de a médium ganhar aliados e críticos ao permitir a cobertura da imprensa sobre seus feitos, principalmente a materialização de espíritos, e mostrando como o jornalismo rendia-se facilmente ao fantástico e ao insólito, no alvorecer do século XX na cidade de Belém do Pará. O objetivo da pesquisa é o de entender a cobertura jornalística de elementos fantásticos, como a médium e seus poderes, e a sua aceitação pelo jornalismo como componentes importantes da realidade social e da história de uma comunidade.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Espiritismo; Jornalismo; Fantástico; Belém do Pará

Introdução

Não é comum que se enxergue no jornalismo lugar para a existência do imaginário e do fantástico. O jornalista é visto como vigilante da objetividade, racionalidade, e principalmente da realidade com seu importante papel de evitar o inefável. Comumente quando o desconhecido é noticiado, é em busca de ironizar e debochar de qualquer disparate que transcenda a realidade. Assim, matérias que abordem esse universo são voltadas para o entretenimento, em coberturas que buscam exaltar o exótico e o curioso, por vezes “esvaziando os fenômenos de suas significações epifânicas, debochando das credences populares” (MOTTA, 2006, p. 9), ficando claro que o jornalismo factual ainda possui dificuldade em lidar com manifestações oriundas do imaginário.

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Graduada em Comunicação Social pela Universidade da Amazônia e mestranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia – PPGCOM/UFPA. Membro do Grupp – Grupo de Pesquisa em Propaganda e Publicidade da Universidade. lettostes@gmail.com

³ Doutor em História pela PUC/SP. Professor da Faculdade de Comunicação - FACOM/ILC/UFPA e do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia - PPGCOM/UFPA. Coordenador do Grupp – Grupo de Pesquisa em Propaganda e Publicidade. lzcezar@ufpa.br

Mas desde os primeiros textos informativos em larga escala com traços de jornalismo, havia uma forte presença do fantástico. Massacres, fenômenos desconhecidos, naufrágios, e até mesmo avanços científicos eram atribuídos a entidades divinas e seres sobrenaturais, revelando o medo do desconhecido e a angústia que acometiam aquelas pessoas.

Peter Lamont (2017) explica que ao sermos confrontados com relatos do extraordinário, é comum que logo busquemos possíveis explicações normais para aqueles fenômenos, caso não encontremos, chegamos à conclusão de que aquele evento foi paranormal. Assim, a crença no fantástico exige que se exclua, e/ou não acredite em explicações ordinárias.

Essas crenças são, também, fruto do contexto social, visto que em determinadas épocas e lugares, se acredita em fenômenos fora do comum como parte da realidade vivida. O que é desconhecido também varia de acordo com determinado período da história.

Em outras palavras, as pessoas acreditam conforme um contexto mais amplo de plausibilidade, com base no que elas consideram normal, e conforme sua confiança de que aqueles que se consideram experts na área possam explicar as coisas. (LAMONT, 2017, p.21)

Os eventos sobrenaturais, como os da médium Anna Prado, geram inquietação e provocam ansiedades no homem, que a partir desses estados de comoção e da percepção de precariedade frente às forças da natureza e começa a tentar explicá-las. Transgredindo seu mundo objetivo e buscando justificativas para o irreal e incompreensível do fantástico, e significações para as suas inquietações.

As transcendências do mundo racional e/ou transposição do estado natural para o estado elevado recebem outros nomes, como milagres, destino, acaso (MOTTA, 2006). Essa escapada do real as vezes chega a um nível elevado de intensidade e pode passar, dependendo de crenças pessoais, ao plano sagrado e religioso. O homem também pode debochar, rir, e brincar com o fantástico diante da ambiguidade da realidade.

Não existe sociedade contemporânea que não se preocupe com o mundo dos mortos, e sua participação nos fatos que ocorrem na vida cotidiana, ou sua importância para se compreender toda a existência do ser humano do mundo.

Em ambientes e sociedades tradicionalmente abertos às manifestações do fantástico, elas costumam circular por via oral, com seus misticismos, suas crendices, suas histórias de

fantasmas e monstros. A cultura popular foi o principal pilar que manteve as histórias fantásticas vivas não só no imaginário das pessoas como nos jornais.

A notícia, mesmo que de maneira involuntária, faz uso e se apoia em padrões culturais pré-existentes para sua realização e seu sentido, “o processo de fabrico e a construção das notícias sofre uma ação informadora por parte do sistema sociocultural em que se insere” (SOUSA apud BRITES DA COSTA, 2013, p.31).

Quando encontra acontecimentos novos, o jornalista precisa saber como agir e escrever sobre ele dependendo do contexto histórico-cultural no qual está inserido. “Isto é, depende do aspecto que para o seletor de um enquadramento, como um jornalista, o real assume nesse momento, bem como da sua experiência, que lhe molda a percepção” (SOUSA apud BRITES DA COSTA, 2013, p.31).

Em uma época na qual se encare a cientificidade como única verdade, desdenhando de crenças e histórias lendárias, o jornalismo terá menos espaço e menos liberdade para escrever sobre esses temas. Em uma sociedade que integre o fantástico às suas crenças, aos seus modos de agir, pensar e a sua cultura local, o jornalismo será desenvolvido tomando esses fatos como valores-notícias importantes.

Relacionando os processos culturais aos contextos nos quais foram produzidos, chegamos à conclusão de que cada realidade cultural teria suas lógicas internas, “a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam” (SANTOS, 1993 apud BRITES DA COSTA, 2013, p. 32). Desse modo, quando se estuda notícias envoltas dos mistérios dos fantásticos é preciso entender como elas são baseadas no contexto na qual são produzidas. Formas peculiares de se entender a realidade, e modos diferentes de vida influenciarão na prática jornalística, e os valores-notícia relevantes vão depender das características culturais vigentes e da forma como a sociedade lida com o tema do fantástico e sobrenatural.

Em 1918, em Belém do Pará, uma jovem chamada Anna Rebello Prado quebrou parâmetros lógicos ou racionais e atraiu os olhares da população paraense por 5 anos com suas habilidades paranormais, como a materialização de espíritos, considerado como o fenômeno mais raro da fenomenologia espírita. A médium também possibilitava que espíritos trabalhassem em parafina líquida para a criação de complexas esculturas e possuía a

habilidade de germinação de sementes de plantas, também através intervenção de espíritos materializados.

Suas sessões tinham hora e local certo, na casa na qual a médium vivia com sua família, e tinham a presença de senhores da sociedade paraense da época, como médicos, advogados, comerciantes, políticos, e até governadores da província do Pará como Lauro Sodré e João Coelho, o médico legista Renato Chaves e o senador da república Justo Chermont.

De acordo com Magalhães (2012, p.51), a médium Anna possuía uma mediunidade excepcional e comparável com às dos maiores médiuns que se tem notícia na doutrina espírita. Seus feitos foram apresentados e discutidos dentro e fora do círculo espírita brasileiro, alcançando repercussão além das nossas fronteiras. Pela presença de jornalistas nas sessões da médium Anna Prado temos um vasto material de relatos noticiosos, além de vários estudos e documentos em torno de suas atividades mediúnicas.

As atividades mediúnicas de Anna Prado despertaram uma novidade extraordinária em Belém nos inícios dos anos 20, mostrando o espiritismo e sua relação com os religiosos, o campo científico, e a mídia impressa. As notícias de que Anna Prado seria capaz de invocar espíritos e conversar com os mortos são muito interessantes de se observar e passaram a compor um capítulo particular da história do jornalismo paraense.

As narrativas jornalísticas sobre a médium impressionam ao enfatizar o vínculo histórico entre jornalismo, literatura e imaginação, enxergando a qualidade narrativa dos relatos jornalísticos e chegando na fronteira entre real e irreal nas páginas dos jornais, reconhecendo os jogos de linguagem e os efeitos de sentido na comunicação jornalística.

A mulher que falava com os mortos

Novas formas de religiosidade se desenvolveram no Brasil desde o fim do século XIX, em paralelo com o cientificismo e positivismo, após o enfraquecimento do monopólio religioso católico com o advento da República (1892). Assim, notícias de mesas girantes, aparições de seres do além, e médiuns passam a frequentar mais comumente as páginas dos jornais do Brasil. É também, a partir de 1920, que começam intensos debates públicos entre a doutrina espírita, a igreja católica e a psiquiatria. Este ponto é importante para esta pesquisa, pois parte das matérias jornalísticas de cunho fantástico publicadas pelos jornais da época e relacionadas ao tema do espiritismo. E foi justamente em um momento de dificuldade, medo,

incerteza e esperança de dias melhores na cidade de Belém do Pará que surge a médium Anna Prado representando uma nova concepção religiosa, o espiritismo.

De acordo com o historiador Samuel Magalhães (2012), Anna Rebello Prado nasceu em Parintins, por volta de 1883 e veio do Amazonas em 1913 para a capital do Pará com o esposo Eurípedes Prado, um comerciante, jornalista, professor e homem de negócios que buscava se estabilizar na capital paraense. Não foram encontrados registros sobre a infância e adolescência da médium, mas sabemos que se casou em 9 de junho de 1901, em Parintins. A época a família Prado era constituída por Anna Prado, o marido Eurípedes Prado, a filha Antonina Albuquerque Prado, e os filhos Erastóstenes Albuquerque Prado, Eurides Albuquerque Prado e Dinamérico de Albuquerque Prado. Mesmo em um momento de crise os Prado possuíam uma posição social respeitável e eram financeiramente estáveis na cidade de Belém.

Eurípedes Prado era um homem letrado, educado na religião católica, e desde a sua adolescência se preocupava com os destinos da alma após a morte. De acordo com Magalhães (2012, p.40), Eurípedes sempre achou inconcebível a ideia de um Deus único, vingativo e criador de seres destinados a intérminos sofrimentos conforme preceitua a doutrina cristã, como ele mesmo afirma em anotações, “Os meus raciocínios me convenciam da existência de um ser superior, erija essência o Catolicismo, no meu entender, desvirtuava.” (PRADO apud FARIAS, 1984, p.44). Por não acreditar nessas possibilidades e nas explicações oferecidas, Eurípedes encontrou revelações nos estudos de Allan Kardec e se reconheceu como espírita. E foi a partir de seu contato com o espiritismo que começou a executar experiências em casa com a finalidade de ter contato com habitantes do além. Seus filhos o ajudavam, mas Anna Prado não se interessava, alegando incredulidade e ocupações com tarefas domésticas.

As tentativas de Eurípedes de realizar o fenômeno conhecido como mesa girante⁴ foram sem sucesso durante vários dias. Em uma noite no ano de 1918 ele insistiu que Anna participasse e para sua surpresa foi justamente neste experimento que as atividades mediúnicas da esposa se manifestaram pela primeira vez. Após sentar-se para iniciar o experimento, a mesa começou a se mexer, mostrando os primeiros sinais de um fenômeno

⁴ Neste fenômeno, o espírito comunica-se pela tiptologia, ou seja, através de pancadas dadas à mesa.

espírita. Anna Prado assustou-se com os movimentos da mesa, que levitou de maneira baixa por alguns minutos.

Depois deste evento, a médium Anna Prado se tornou figura ativa no espiritismo paraense, realizando sessões em sua residência e produzindo feitos surpreendentes que foram parar nas páginas dos jornais da capital e ultrapassando fronteiras, com publicações sobre seus supostos poderes na Europa, principalmente na França e na Alemanha.

Três espíritos foram mais recorrentes no seu período ativo como médium. De acordo com Magalhães (2012), eram respectivamente: *Anita*, conhecida como *a florista*, que criava flores de parafina e oferecia aos presentes na sessão; *João*, tio materno de Anna Prado e um dos primeiros espíritos a se manifestar para a médium, e *Rachel Figner*, que criava moldes de suas mãos. A médium Anna Prado supostamente produziu inúmeras provas do que seria capaz, como as moldagens em parafina líquida aquecida em alta temperatura que os espíritos materializados realizavam ao confeccionar partes de seus corpos ou coisas que lhes agradava em vida.

De acordo com os relatos dos jornais, e de estudo sobre a biografia da médium, ela manifestava principalmente os fenômenos de levitação, tiptologia, escrita direta e materialização de espíritos.

Tiptologia é a comunicação de espíritos através de batidas, esse diálogo é realizado geralmente através de mesas giratórias. A levitação ocorre quando o médium desafia as leis da gravidade ao flutuar acima do chão. Este aspecto é considerado difícil de realizar-se, sendo poucos médiuns que conseguem fazê-lo. Na escrita direta o espírito utiliza-se de papel e caneta, ou outro apetrecho utilizado para a escrita, e faz seu relato sem ajuda da médium. Já a materialização consiste na produção de objetos de parafina líquida pelos espíritos e de fluido espiritual, conhecido como ectoplasma. (MAGALHÃES, 2012, p.111). Esse último foi o fenômeno mediúnico de Anna Prado mais divulgado pela imprensa, que também realizava cirurgias “do além” e práticas de cura através da materialização de espíritos que faziam operações cirúrgicas em pacientes.

Figura 1 – Anna em transe produzindo ectoplasma⁵



Fonte: MAGALHÃES, 2012, p.114

A médium não se utilizava da mediunidade de maneira profissional e ela usava da doutrina para ajudar as pessoas em trocas de quantias como outros médiuns faziam na época. Essa talvez tenha sido mais uma das peculiaridades que a tornou uma pessoa tão interessante para a sociedade belenense. A divulgação de seus feitos e as sessões com a presença de um público eram insistências de seu marido, que nunca cobrou nenhuma quantia para que as pessoas assistissem às sessões. (EVANGELISTA, 2012, p.24).

Inicialmente, apenas amigos da família tinham acesso às materializações de Anna. Mas os feitos eram tão extraordinários e instigantes que a história do que acontecia ali se multiplicava e junto com ela o número de pessoas interessadas em assistir as sessões.

Nogueira de Faria em *O trabalho dos mortos*, diz que Eurípedes Prado relutou em aceitar que tantas pessoas fossem à sua casa para ver as atividades mediúnicas de sua esposa, mas os pedidos eram tantos que ele acabou cedendo e abriu espaço para a imprensa relatar o que se passava ali.

Essa abertura para a imprensa foi importantíssima para dar credibilidade e aceitação da doutrina espírita e dos feitos mediúnicos que aconteciam não só na residência dos Prado através de Anna, como também para os outros médiuns que atuavam em Belém.

⁵ O ectoplasma é uma substância formada por uma combinação de fluidos emanados do plano espiritual, do médium e das demais forças da natureza, como outras pessoas, animais e vegetais que se encontrem próximos ao local onde se produzirá o fenômeno de ectoplasmia. (SOUZA, Nilva Regina de. **Ectoplasma: O Poder da Cura Através da Manipulação dos Fluidos**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 06, Vol. 01, pp. 30-38)

Como já foi dito anteriormente, os fenômenos que ocorriam na casa dos Prado atraíam curiosos, personalidades políticas do Estado, e principalmente a imprensa na capital paraense. Suas atividades mediúnicas eram tão interessantes e curiosas que chegaram a renomados periódicos espíritas europeus, como *Revue Spirite*, *Psychische studien* e o *Metapsychique internacional*. Os três principais jornais que circulavam em Belém: Folha do Norte, O Estado do Pará e A Província do Pará trataram sobre as sessões com Anna Prado, que iniciaram em 1918 e foram até 1922.

O fantástico e o jornalismo se cruzam no caso da médium Anna Prado

Luiz Gonzaga Motta, em sua obra “Notícias do Fantástico”, explica que o fantástico pode ser uma experiência estética ou emocional que se manifesta por meio de um estado de espanto ou assombro frente a um fato ou ao relato de um fato inverossímil (insólito), que rompe com o universo ordenado e familiar, que mexa com seu mundo físico e sua estabilidade.

No ato de comunicação jornalística os elementos de estética fantástica aparecem para causar estados de ânimos, efeitos cognitivos, no leitor, sujeito interpretante, que de maneira extralinguística pode enxergar ali muito além do que se relata de maneira explícita pelo jornal.

Para Motta (2006, p. 49), a linguagem jornalística, por ser uma linguagem dramática feita para contar um fato, está sempre descrevendo uma objetividade concreta por um lado, e por outro está cheia de relações implícitas sugerindo subjetividade e conduzindo o leitor a ambíguos entendimentos do real. O jornalismo permite implícita ou explicitamente que o fantástico venha habitar de maneira contraditória seus enunciados, e estimula os leitores a interpretar muito além do sentido informativo pretendido.

Motta (2006, p. 56) considera que as manifestações fantásticas são quase impossíveis de terem uma definição e conceito preciso, distinto e claro, por participarem das experiências mais subjetivas e intersubjetivas de um indivíduo ou da sociedade, dos fenômenos sensitivos e emocionais da vida.

Para o autor, a linguagem é uma estrutura racional que ordena a realidade e o fantástico é seu contrário, é uma manifestação de algo considerado irreal e que não pertence ao mundo familiar.

A natureza subjetiva do fantástico o torna um fenômeno de difícil compreensão. Estudar sua estética e presença no jornalismo requer que iniciemos esta trajetória através de sua conceituação na literatura. Não encontraremos o fantástico no jornalismo na mesma

intensidade e densidade que na sua presença na literatura ou no cinema, mas é preciso explorar sua manifestação literária para então refletir sobre suas dimensões no ato comunicativo.

Os elementos estéticos da literatura fantástica podem ser encontrados nos relatos jornalísticos e permitem com que se possa explorar o insólito como valor notícia. Motta (2006, p.82), esclarece a aproximação dos dois partindo de que ambos são escrituras, ambos são relatos, podem trabalhar com o inverossímil, necessitam de envolvimento do leitor, e com isso a linguagem literária pode servir de padrão para se entender o que é fantástico, sobrenatural, horror e medo e como essas características aparecem na linguagem textual da notícia.

De maneira simplificada, a manifestação do fantástico na notícia ocorre quando se busca informar sobre algo e utiliza-se de explicações, motivos, personagens e situações sobrenaturais. As matérias sobre Anna Prado, por exemplo, trazem consigo uma carga forte de “ecos do além”, pois, mexem com tudo que desafia a ciência e a racionalidade, tratando-se, portanto, do sobrenatural.

As notícias dos fenômenos fantásticos realizados pela médium Anna Prado eram sempre destaque na primeira página, e muito raramente na segunda. Quando se tratava de algo muito importante vinham acompanhados de fotos e subtítulos que poderiam até ser considerados sensacionalistas, visto que eram postos ali para chocar, como a imagem de um espírito materializado com Anna Prado em transe sentada em uma cadeira em frente ao fantasma.

O alcance da imprensa nesse período dos primeiros anos da década de 20 era limitado, Belém possuía cerca de 236.402 habitantes, destes apenas 115.254 sabiam ler e escrever, os que não sabiam nenhum dos dois eram cerca de 121.148. (EVANGELISTA, 2012. p. 62). Por isso a transmissão de informação oral e principalmente a presença de uma fotografia era importantíssima para a circulação das notícias do que Anna Prado era capaz de fazer. Ouvir ou ler sobre as sessões poderia ser assustador para alguns, mas ver tinha um impacto emocional muito maior, além da possibilidade de persuasão de opiniões sobre os fenômenos de maneira bem mais efetiva do que apenas nos textos.

Figura 2: Matéria do jornal Folha do Norte destacando a médium Anna Prado



Fonte: FOLHA DO NORTE, 20 de mai.1920. p.2

Os subtítulos dramáticos levavam o leitor a fixar-se na narrativa jornalística que viria a seguir, podendo gerar, ou não, efeitos de sentidos emocionais, como surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia.

As matérias possuíam um cunho bastante detalhista, visando levar o leitor para dentro das sessões e levando sua imaginação a aflorar ao ler sobre as assustadoras materializações de espíritos que ocorriam tão perto de todos na cidade de Belém.

A narrativa dos jornais sobre o caso possibilita também que um leitor sensível e crente nas forças espirituais sinta intimidade com Anna Prado, como se estivesse sempre presente nas sessões. Mas também permite outras sensações que variam de acordo com as crenças e realidades, podendo sentir comoção, a dor, compaixão pela médium, ou entregar-se a uma ironia, ou riso se descreem veemente no que acabaram de ler.

Os narradores jornalistas que acompanhavam o caso de Anna Prado, tirando algumas exceções, narravam de maneira a apagar sua presença ali, de maneira a deixar que os fatos detalhados falem por si e permitam ao leitor recriar e recompor o acontecido.

Essas matérias traziam o que Todorov (2010) entende por fantástico na literatura, experiências sobrenaturais diante de seres que só conhecem o real e o lógico, o que não é de

conhecimento coletivo e gera inúmeras dúvidas, medos e principalmente perguntas. Aqueles textos publicados nos jornais transgrediram as leis sociais e causaram desequilíbrio em uma sociedade à beira do cientificismo, além de trazerem em sua narrativa um forte sobrenatural com a intervenção de seres espirituais.

Figura 3: Matéria do jornal *Folha do Norte* relatando uma sessão de Anna Prado



Fonte: FOLHA do Norte, 26 de junho de 1920, p.1

O caso de Anna Prado despertou tanto interesse nos leitores pela sua narrativa fantástica ao trazer um fato insólito, uma mulher que materializa e fala com espíritos, e principalmente porque o homem tem interesse incessante pelo mundo dos mortos, são inúmeras possibilidades que criam uma áurea de assusto e espanto, mas também de prazer em se conhecer e descobrir por que as coisas são como são do “outro lado”.

Os jornais utilizavam-se de muitas metáforas, polissemias e adjetivos para informar. Mas sua descrição dos acontecimentos, e principalmente das sessões na casa dos Prado onde Anna realizava seus fenômenos costumavam ser detalhadas para tentar naturalizar aquele fato, ou como Luiz Gonzaga Motta afirma sobre a descrição de fatos, criar o efeito de real pelo excesso de informações geradoras de verossimilhança. (MOTTA, 2004, p.3)

As notícias de Anna Prado procuravam ser objetivas e descritivas, muitas vezes já trazendo no próprio primeiro parágrafo informações importantes e que instigassem o leitor a ler mais, seria um *lead* mas ainda não tão completo como conhecemos hoje em dia, mostrando o que aconteceu, quando aconteceu, e onde.

O interesse da imprensa pelo insólito não era apenas de forma regional, e não se limitava a médium. Havia grande interesse em notícias que trouxessem o insólito e quase sempre estas ganham algum tipo de destaque em suas páginas.

Uma matéria diferenciou-se e destacou-se das demais, saindo na primeira página do *Folha do Norte*, pois envolvia o ilustre escritor escocês Sir Arthur Conan Doyle, famoso mundialmente pelas histórias do detetive Sherlock Holmes. Arthur perdera o filho na Primeira Guerra Mundial e procurou nos braços do espiritismo uma maneira de comunicar-se com o seu filho. O autor afirmou, em carta traduzida e publicada no jornal, que havia tirado uma foto a qual após sua revelação foi possível ver a face “não completamente intacta” de seu falecido filho. O escritor ainda comenta que apenas ele tocou na chapa de revelação da fotografia, logo não havia quaisquer chances de a imagem ser fraudulenta.

A parte policial do jornal, denominada de “Na polícia e nas ruas” também chamava certa atenção por ser dividida em pequenas notícias que falavam de todos os crimes que ocorrera na cidade, e de denúncias criminais, até mesmo contra fantasmas, como por exemplo na edição do dia 24 de janeiro de 1920, que trouxe na sessão de polícia uma notícia chamada “Seria um espírito?”, sobre um furto a uma sapataria na avenida Generalíssimo Deodoro. Enquanto o dono atendia a um cliente, estes afirmam ter visto um vulto negro pegando um par de sapatos e sumindo repentinamente com os mesmos. “Aqueles dois senhores, deante (sic) do semelhante caso, tiveram os cabelos (sic) levantados de terror e, benzendo-se ciciaram o credo em cruz” (FOLHA DO NORTE, 24.01.1920, p. 3). Não fica claro se o vulto negro correspondia a uma pessoa, ou se tratava de um suposto fantasma. A ambiguidade da interpretação da notícia é o que a torna ainda mais curiosa.

Considerações finais

Ao abrir suas páginas para o fantástico e o desconhecido os jornais buscaram, com o conhecimento institucionalizado das coisas, reforçar a ideia de que o homem possui uma curiosidade insaciável pelo que não consegue explicar racionalmente, pelo desconhecido e, principalmente, o interesse nos habitantes do além e na vida após a morte. Portanto, é curioso e notável o espaço que os fenômenos espíritas de Anna Prado conseguiram nos jornais paraenses da época, principalmente por se tratar de um período caracterizado pelos inúmeros avanços científicos, desmistificações de crenças populares, e mudanças políticas e sociais. Não se limitando apenas para os eventos espíritas, mas, também, para toda a discussão relacionada a estes fenômenos, o jornal abria espaço as partes envolvidas nessas

histórias.

Os jornais proporcionaram em suas matérias muitas visões de mundo, com diversas crenças e opiniões. Essa pluralidade de pensamentos e de personagens expostos foi importante para a construção narrativa do intrigante caso da médium Anna Prado nas páginas do jornal, que transitava entre o ceticismo e a crença no sobrenatural.

Ao relatar esses fatos de forma noticiosa os jornais introduziram o fantástico na realidade de Belém, em meio a tragédias do dia a dia da cidade. O jornalismo analisado neste artigo flerta com o fantástico literário, cria no leitor um estado de ânimo, de hesitação como define Tzvetan Todorov. A presença do fantástico transgrede o real, assombra diante do sobrenatural e a verossimilhança criada pela tessitura da intriga na narrativa jornalística aumenta o fator medo, fazendo o leitor não duvidar de que aquilo que está lendo é real

A cobertura de um caso tão inusitado quanto o de Anna Prado proporcionou, e proporciona até hoje, muita curiosidade. Os misteriosos e até mesmo encantadores feitos da médium por algum tempo, povoaram as páginas dos jornais provando mais uma vez que o jornalismo é sim um campo que se rende ao fantástico. Ele é um campo que gosta deste fantástico e que busca explorá-lo como acontecimento noticioso levando os leitores ávidos por novidades, a caminhos que podem parecer pura ficção, mas que também podem ser pura realidade.

Referencias Bibliográficas

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa Brasil-1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2007.

BRITES DA COSTA, Andriolli de. **A Lenda nas Páginas do Jornal: a presença do imaginário no jornalismo a partir da cobertura dos tesouros enterrados no Paraguai**. 2013. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis

DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado: A história do sobrenatural e do espiritismo**. 1.ed. São Paulo: Planeta, 2014.

EVANGELISTA, Sheila Izoete Mendes. **O arraial do espiritismo: a médium Anna Prado, positivistas, espíritas e católicos em Belém (1918-1923)**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2012. Programa de Pós-Graduação em História.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **PÁGINAS ANTIGAS: UMA INTRODUÇÃO À LEITURA DOS JORNAIS PARAENSES, 1822-1922**. Margens: Revista Interdisciplinar do PPGCITI | ISSN:

1806-0560 | e-ISSN 1982-5374, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 245-266, maio 2016. ISSN 1982-5374. Disponível em: <>. Acesso em: 25 jan. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v2i3.3040>.

FARIA, Nogueira. **O trabalho dos mortos (o livro do João)**. 6. Ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 2002.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. As origens do Espiritismo no Brasil: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914). 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazonia; a constituição de um campo de estudo 1870-1950. 1996. 428f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279426>>

HENRIQUE, Márcio Couto; AMADOR, Luiza Helena Miranda. Da Belle Époque à cidade do vício: o combate à sífilis em Belém do Pará, 1921-1924. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 359-378, jun. 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702016000200359&lng=pt&nrm=iso

LAMONT, Peter. Crenças extraordinárias. Uma abordagem histórica de um problema psicológico. São Paulo: Editora Unesp, 2017

LOVECRAFT, Howard Philips. **O horror sobrenatural em literatura**. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2008.

MAGALHÃES, Samuel. **Anna Prado: A mulher que falava com os mortos**. Brasília: Federação Espírita Brasileira: 2012

MOTTA, Luiz Gonzaga Figueiredo. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. Revista Contracampo, Rio de Janeiro, v. 12. n.1, p. 23-50. 2005. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/557>>

MOTTA, Luiz Gonzaga Figueiredo. Notícias do Fantástico. 1. ed. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2006.

NUNES, Paulo. Belém e seus encantos de cobra **uma leitura-audição fragmentada da cidade**. 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/2865>> .

SANTANA, Verônica Neuma Ferreira. **A História do espiritismo no Pará: 100 anos de união espírita paraense**. Belém: UEP 2006

SANTOS, Luiz Cezar S. dos. publicIDADE belle époque: A mídia impressa nos periódicos da cidade de Belém entre 1870-1912. **Tese de Doutorado apresentada no programa de pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC**, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2010

Periódicos

FOLHA do Norte, 24.01.1920, p. 3

PHENOMENOS Espíritas: Um habitante do além fotografado na capital. **Folha do Norte**, Belém, 20 de mai.1920.p.2

FOLHA do Norte, 26 de junho de 1920, p.1